Fundação Dom Cabral pesquisa práticas inovadoras no Brasil

Estudo mostra que aumentou número de empresas abertas a troca de informações

A opção pela inovação aberta começa a ser reconhecida no Brasil. Mas ainda é uma opção para o futuro, como atesta o resultado da pesquisa apresentada por especialistas da Fundação Dom Cabral durante o IV Open Innovation em São Paulo. Realizada de junho a setembro deste ano com 72 empresas, a pesquisa mostrou que 60% das empresas acreditam que essa é uma oportunidade importante nos próximos anos para o surgimento de novas ideias e sua aplicação no mercado. Diante disso, já começam a estabelecer um diálogo com universidades, clientes, instituições de pesquisa e — no caso de duas delas — até com competidores, para troca de informações.

"Ainda estamos um pouco atrás dos países mais desenvolvidos em termos de inovação aberta", reconhece Anderson Rossi, um dos autores da pesquisa. "Na prática, por razões históricas, somos um país mais fechado e só agora, com a legislação mais adequada, as empresas estão se abrindo para essa possibilidade." Ele explica que a ideia da inovação aberta, conforme foi concebida na Universidade de Berkeley, acompanha a estrutura das organizações atuais, a disseminação de conhecimento em rede e a crescente mobilidade de mão-de-obra, além da participação dos investimentos do capital empreendedor para buscar alternativas para viabilizar boas ideias.

Avanço considerável

Henry Chesbrough, diretor do Centro de Inovação Aberta de Berkeley esteve no Brasil pela primeira vez em 2008, quando discutiu a aplicação desse modelo de gestão em empresas nacionais no primeiro Open Innovation. "Desde aquela época, as empresas brasileiras avançaram bastante", diz Rossi. "Mas a tendência é que se abram mais." Ele explica que a pesquisa identificou que, para fazer a interação com o exterior, elas precisam ainda ter uma estrutura interna adaptada para receber novas ideias.

"Não estamos falando de terceirização, mas de aproveitamento dos recursos da empresa para conversar melhor com a sua rede", afirma. Isso porque, por trás da inovação aberta, funciona um fluxo no qual os o conhecimentos que não forem usados pelos negócios da empresa podem também ser licenciados para fora, de forma que outras empresas tenham oportunidade de utilizá-lo. "Sabemos que o mercado brasileiro é muito rico, mas se formos confiar apenas nisso, e não investirmos em inovação, nossas empresas não vão sobreviver", afirma Rossi.´ "É por meio dela que vamos ter acesso a outros mercados e tecnologias." ■

Divulgação

Anderson Rossi
Pesquisador do Centro de Referência em Inovação da Fundação Dom Cabral

"Ainda estamos um pouco atrás dos países mais desenvolvidos em termos de inovação aberta"

INVESTIMENTO

R$ 50 mi

DÉ o investimento que a Saab anunciou que deverá ser feito no Centro de Pesquisa e Inovação Sueco-Brasileiro (Cirb) em um prazo de cinco anos.

LABORATÓRIO

R$ 10 mi

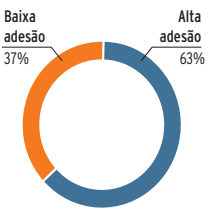
É o valor que o Cirb calcula será investido para a infraestrutura do Capability Development Center a ser construído em São Bernardo nos próximos meses.

A ADESÃO DAS EMPRESAS À INOVAÇÃO ABERTA

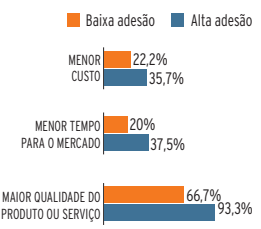
Pesquisa da Fundação Dom Cabral com 72 empresas mostra interesse por práticas inovadoras

TIPO DE INOVAÇÃO

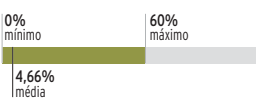
NÍVEIS DE ADESÃO



RESULTADOS DA INOVAÇÃO



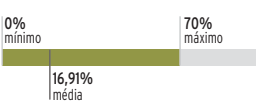
PARTE DA RECEITA INVESTIDA EM PD&I



» 50% das empresas investem até 2%

» O percentual investido mais comum é 1%

PARTE DA RECEITA DECORRENTE DO PROCESSO DE INOVAÇÃO



» 50% das empresas investem até 10%

Fonte: Fundação Dom Cabral (pesquisa feita entre junho e setembro de 2011)

Utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 25, 26 e 27 nov. 2011, Primeiro Caderno, p. 13.